

A Influência Militar da China na América Latina

Loro Horta



A O ANALISAR AS relações da China com a América Latina, a maioria dos observadores tende a prestar pouca atenção às dimensões militares e de defesa do relacionamento, enfocando, principalmente, assuntos econômicos. Uma análise de publicações oficiais e acadêmicas sobre o envolvimento da China com a América Latina revela a mínima atenção dada ao aspecto militar do fenômeno.¹

Muitos apontam o baixo volume de vendas de armas à América Latina como um indicador claro da posição militar insignificante da China na região. No entanto, o comércio de armas não é o único caminho disponível para o estabelecimento de influência militar no exterior. A educação militar e de defesa, visitas oficiais de militares e de funcionários de defesa de vários níveis, participação em exercícios conjuntos, missões da ONU, exposições de aviões e prestação de serviços militares e não militares são meios utilizados pelos chineses para ampliarem cada vez mais a sua presença na América Latina. Até recentemente, as relações de defesa da China com a América Latina eram esporádicas, envolvendo pouco mais que algumas visitas oficiais depois de longos intervalos e um volume ainda menor de vendas de equipamentos. Contudo, desde 2000, a China emprega uma estratégia diplomática paciente e de amplo escopo em relação à América Latina. A nova ofensiva sedutora do Exército de Libertação Popular (ELP) vem se consolidando de forma gradual, mas constante, numa posição segura. As iniciativas além da venda de armas permitem cada vez mais ao ELP criar uma base para a cooperação militar de longo prazo num futuro não muito distante.

Existem dimensões políticas, econômicas e militares importantes para o comércio de armas de modo geral. Quero dizer, com isso, que a venda expressiva de armas tende a seguir ou ocorrer em paralelo a relações políticas e econômicas estreitas e favoráveis. Por exemplo, os principais

Loro Horta é professor convidado no Centro de Estudos de Segurança Internacional (Center for International Security Studies — CSIS) da Universidade de Sydney, na Austrália. Formou-se também pela Universidade de Defesa Nacional do Exército de Libertação Popular e pelo Centro Asiático-Pacífico de Estudos de Segurança (Asia Pacific Center for Security Studies) no Havaí.

compradores de armas dos EUA, como Israel, são aliados de Washington que possuem um relacionamento próximo e privilegiado. O mesmo se aplica aos membros da OTAN e aos aliados dos EUA na Ásia e Oriente Médio. As vendas de armas se dão num cenário político e diplomático mais amplo. Existe um vínculo direto entre as grandes transferências de armas e a natureza das relações políticas e econômicas.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível concluir que o volume de vendas de armas à América Latina por parte da China provavelmente aumentará, conforme as relações políticas e econômicas entre elas evoluírem. A influência econômica e política crescente de Pequim na América Latina pode preparar o terreno para vendas expressivas de armas chinesas e uma expansão ainda maior de sua influência militar. A nova e sofisticada diplomacia de defesa da China é uma das principais forças motrizes desse processo.

A Diplomacia Militar da China

A educação militar e a relacionada à defesa são ferramentas cada vez mais importantes, embora despercebidas, da política de defesa da China. O adestramento de oficiais militares da América Latina em instalações acadêmicas do ELP claramente está aumentando. Não faz muito tempo, poucos oficiais da América Latina frequentavam academias militares chinesas. Nos últimos anos, porém, mais de 100 oficiais representantes das três forças singulares de 12 países latino-americanos se formaram em academias do ELP. A China adentra oficiais de todos os níveis de comando e de todas as forças singulares. Por exemplo, na Escola de Comando e Estado-Maior da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP), oficiais subalternos e superiores da América Latina participam de cursos de diversos níveis durante o mesmo ano, permitindo que os militares chineses conheçam oficiais de gerações diferentes e de todas as forças singulares.² Talvez mais importante seja o adestramento dos escalões superiores das forças militares da América Latina na renomada Universidade de Defesa Nacional (UDN), em Pequim. Todo ano, oficiais superiores de língua espanhola de todas as forças singulares participam de um curso sobre grande estratégia

com duração de quatro meses e meio. O ELP oferece esse adestramento, acreditando que os participantes terão posições de poder no futuro, o que possibilitará relações mais estreitas com a China, aumentando a sua influência e prestígio junto às forças militares latino-americanas.³

Por incrível que pareça, oficiais de países hostis aos Estados Unidos, como Cuba e Venezuela, já não frequentam esses cursos, ao contrário de países com relações tradicionalmente estreitas com os Estados Unidos, como a Colômbia, Chile e Argentina. Além do componente acadêmico, esses cursos contêm um forte elemento de diplomacia de defesa e de desenvolvimento de rede de relacionamentos. Os alunos visitam locais e monumentos históricos como a Grande Muralha e participam de atividades pitorescas, como cruzeiros pelo Rio Yangtzé e Rio das Pérolas. Nas palavras de um coronel da Força Aérea do Uruguai, essas visitas visam a “socializar os bárbaros com os esplendores da civilização chinesa”.⁴

Outras visitas e excursões exibem a nova riqueza e proeza tecnológica da China. Visitas às grandes empresas de armamentos do país como a Northern Industries (Norinco), China State Shipbuilding (CSSC), China Shipbuilding Industry Corporation (CSIC) e outras empresas relacionadas às forças militares se destacam no programa. Outras visitas incluem a fábrica de alumínio da Baosteel em Xangai, montadoras de automóveis e centros de pesquisa aeronáutica. As visitas a alguns dos prédios mais modernos e inovadores são uma oportunidade para os oficiais estrangeiros se maravilharem com as conquistas arquitetônicas e de engenharia do país. (Durante elas, os anfitriões normalmente

...a RPC se vê como a parte superior nessas trocas e acredita que as forças militares da América Latina têm muito mais a aprender com as tradições militares chinesas que o ELP tem a aprender com os oficiais latino-americanos, a seu ver indisciplinados e propensos a festas.

não mencionam os nomes dos arquitetos e empresas do Ocidente que, de fato, executaram a maior parte do trabalho.)

O ELP também enviou seus próprios oficiais para cursos no Brasil, Chile, Argentina, Venezuela, Cuba e México. Contudo, a quantidade de oficiais chineses que participam de cursos na América Latina é menor que a de pessoal da América do Sul em academias militares chinesas. Em 2007, cerca de 40 oficiais das Américas estudaram na China, enquanto apenas seis oficiais do ELP participaram de cursos na América Latina, fazendo principalmente cursos rápidos de idiomas e estágios em academias locais. A falta de fluência no idioma parece ser a razão principal pela qual poucos oficiais do ELP estudam em estabelecimentos militares latino-americanos. Os oficiais do ELP proficientes em espanhol ou português são, na maioria, tenentes recém-formados, de cargo inferior ao necessário para fazer os cursos de comando mais elevados. Além disso, a República Popular da China (RPC) se vê como a parte superior nessas trocas e acredita que as forças militares da América Latina têm muito mais a aprender com as tradições militares chinesas que o ELP tem a aprender com os oficiais latino-americanos, a seu ver indisciplinados e propensos a festas.

Além de convidar oficiais latino-americanos para estudarem em escolas do ELP, as forças militares chinesas lhes oferecem bolsas para estudar nas universidades civis mais reconhecidas da China. A China também já financiou a educação de alguns oficiais militares e de defesa na Universidade Nacional de Pequim e no Instituto de Relações Internacionais de Xangai. Em 2007, oficiais do Equador, Uruguai, Bolívia e Venezuela participaram de cursos de idioma e cultura chinesa em universidades civis.

Visitas oficiais. As visitas oficiais e outros intercâmbios se tornaram um aspecto importante das relações de defesa sino-latinas, na medida em que Pequim intensificou sua diplomacia de defesa com o hemisfério. Quase todos os chefes das

forças de defesa e ministros de defesa da América Latina já visitaram a China. Em agosto de 2006, o Ministro de Defesa da Bolívia visitou a RPC por uma semana, e os comandantes do Exército e da Marinha do Uruguai visitaram Pequim um mês depois. Em abril de 2007, o chefe da força de defesa boliviana visitou Pequim; os chefes das forças de defesa do Chile, Peru e Equador fizeram o mesmo em maio e junho. Em agosto de 2007, o ministro de defesa argentino e o comandante do Exército Brasileiro também visitaram a RPC. As visitas aos portos chineses pelas marinhas da América do Sul vêm se tornando bem mais frequentes. Nos últimos anos, embarcações peruanas, mexicanas, chilenas e colombianas visitaram portos na China continental. A única visita de navios da MELP à América Latina ocorreu em 2002, quando a marinha chinesa circunavegou o globo pela primeira vez. Na ocasião, um contratorpedeiro de mísseis e um navio de suprimentos visitaram o Equador, Peru e Brasil.

A marinha chinesa vem se tornando cada vez mais capaz de operar longe de suas águas regionais, pelo menos para fins de exercícios navais limitados. Demonstrou-o em setembro de 2007, ao participar de exercícios navais conjuntos com a Marinha Real Britânica no norte do Atlântico e com as marinhas espanhola e francesa no Mediterrâneo.⁵ No entanto, para evitar tensões com os EUA, a marinha chinesa procura não aparecer com frequência em portos latino-americanos.

No período de janeiro de 2005 a junho de 2006, entre os oficiais chineses que visitaram a América Latina estavam incluídos o subchefe do Estado-Maior Geral do ELP, o Comandante do Comando da Área Militar de Lanzhou, o Comandante da Força Aérea do ELP, o Comissário Político da Força Aérea do ELP, o Comissário de Logística Geral, o Comissário Político de Armamentos Gerais e o subchefe do Departamento Político Geral.⁶ Além disso, as delegações de logística, comandos de área

A marinha chinesa vem se tornando cada vez mais capaz de operar longe de suas águas regionais, pelo menos para fins de exercícios navais limitados.



Foto da AP, Andy Wong

Quadro de avisos que promove o Exército de Libertação Popular da China, em exibição em Pequim, 4 de março de 2008. A China afirmou que os gastos com suas forças armadas aumentarão 17,6% em relação a 2007, o último de uma série de aumentos de dois dígitos no orçamento de defesa.

regionais, chefes de departamentos e membros do corpo docente da PLANDU fizeram visitas informais e de nível hierárquico inferior aos seus equivalentes na América do Sul.

Eventos culturais. O ELP também aumentou sua participação em eventos culturais na América Latina como parte do pacote de diplomacia de defesa da China. Essas atividades incluíram visitas pelas equipes de cultura e entretenimento do ELP, como a visita da banda do ELP a Granada para as comemorações do seu 32º aniversário de independência. As bandas e trupes acrobáticas do ELP visitaram o Peru, Equador, Guiana, Venezuela e Bolívia, e mostras de fotos e filmes em países de toda a América Latina enaltecem as contribuições do ELP, exibindo sua proeza combatente.

As unidades do ELP também participaram de demonstrações militares na América Latina.

Os aviões de caça e de transporte chineses estavam em exposições de aviões no Chile, Argentina, Peru e Brasil, e as empresas de defesa chinesas participaram de exposições de armas e congressos e seminários relacionados à defesa por toda a América Latina. Os adidos militares de Pequim e o pessoal de apoio do ELP já visitaram os 14 países latino-americanos que aderem à política de uma só China. Os adidos militares observam exercícios militares locais e participam de seminários, eventos culturais e outras atividades organizadas pelas academias militares do país anfitrião.

Outra forma utilizada pelas forças militares chinesas para ajudar as forças militares locais consiste no desdobramento de pessoal especializado na América Latina, como médicos, engenheiros, peritos em telecomunicações e outras pessoas altamente treinadas. A falta de

tal pessoal especializado em alguns dos países menos desenvolvidos da América Latina os torna um artigo valioso e caro. A China desdobrou equipes médicas em hospitais militares no Equador, Peru e Venezuela, e engenheiros do ELP no Equador e Bolívia.⁷

Presentes e preços camaradas. O fato de as vendas de armas chinesas para o hemisfério sul serem relativamente baixas levou muitos observadores a subestimarem o papel delas na promoção de laços de defesa mais estreitos. Por exemplo, embora o volume de vendas de armas à Bolívia seja insignificante, esse não é o caso das doações de material bélico. Desde que o Presidente Evo Morales assumiu o poder em 2006, a China forneceu às forças armadas bolivianas grandes quantidades de equipamentos militares e equipamentos não letais como caminhões de transporte, jipes e equipamentos de engenharia e logística. Em 11 de setembro de 2007, durante uma cerimônia de grande alarde, oficiais superiores bolivianos, incluindo o Presidente Evo Morales, o ministro da defesa e o chefe da força de defesa boliviana, aceitaram a entrega de 43 caminhões de transporte fabricados na China para as forças armadas bolivianas. Um acordo de cooperação militar firmado

pelo ministro da defesa boliviano durante uma visita à RPC, em agosto de 2006, concedeu às forças militares bolivianas US\$ 1,2 milhão de assistência em 2007 e US\$ 2 milhões em 2008.⁸ Ademais, a China forneceu às forças militares bolivianas equipamento de combate, como artilharia de calibre médio, morteiros, metralhadoras pesadas e fuzis de assalto, e doou canhoneiras ribeirinhas de patrulha equipadas com canhões e metralhadoras de calibre leve.⁹ A China talvez reponha 38 mísseis antiaéreos portáteis lançados do ombro *HN 5*, que uma operação da CIA removeu do país em 2005. Os *HN 5* causaram preocupação às forças militares dos EUA, porque esse sistema de armas acabou nas mãos dos narcoguerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, a ala militar do Partido Comunista Colombiano, que empregaram os *HN 5* contra helicópteros fabricados nos EUA e operados pelo Exército colombiano. Os mísseis chineses foram eficazes em iludir as contramedidas defensivas a bordo dos helicópteros fabricados nos EUA. Assim, a operação da CIA os removeu da Bolívia depois que o governo antiamericano de Evo Morales assumiu o poder.¹⁰

A China forneceu itens militares “não letais” a outros países latino-americanos. As forças armadas da Guiana e outras nações caribenhas já receberam uniformes, barracas, cozinhas de campanha, veículos e equipamentos de engenharia. A polícia e grupos paramilitares receberam armas de porte, equipamentos antidistúrbio e de comunicações e viaturas. A China ajudou a força de defesa guianense a construir instalações esportivas e recreativas para o pessoal da força de defesa e doou equipamentos de música e materiais educativos.¹¹

As empresas vinculadas ao ELP. Um grande número de empresas e negócios vinculados ao ELP opera em todo o mundo, sendo um



AFP, Frederic J. Brown

O presidente venezuelano Hugo Chávez acompanha o presidente chinês Hu Jintao durante uma revista da guarda de honra na cerimônia de boas-vindas.

componente raramente reconhecido da diplomacia de defesa da China. A maioria dessas empresas pertence ao Departamento de Logística Geral. A China Northern Industries (Norinco) tem grandes investimentos na América Latina em áreas como a construção e manutenção de estradas, pontes e usinas elétricas; companhias marítimas; e fábricas de automóveis no Brasil, Argentina, Colômbia, Peru e Equador. O China South Industries Group (CSIG) investiu em linhas de montagem de automóveis na Argentina e em fábricas de motocicletas e ônibus na Colômbia. As empresas de logística chinesas lucram com o fornecimento de uniformes, botas, luvas, capacetes, reboques, materiais de construção, geladeiras e aparelhos de ar-condicionado para o setor privado.

As principais agências navais da China também obtiveram contratos lucrativos. Em maio de 2006, a Venezuela assinou um contrato de US\$ 1,3 bilhão com as duas empresas de construção naval mais importantes da China para a fabricação de 18 navios petroleiros, com o intuito de reforçar as exportações.¹² A Harbin Aircraft Manufacturing vendeu 10 aeronaves *Y-12* de uso civil à Argentina, Cuba, Paraguai e Bolívia. Além disso, a indústria de helicópteros em franca expansão do país atende a interesses civis na Argentina, Peru, Equador, Bolívia e Caribe.

A diplomacia de defesa e a venda de armas. Devido à diplomacia de defesa paciente e persistente da China, o ELP amplia cada vez mais os seus vínculos com a América Latina. Embora a presença militar chinesa nas Américas seja insignificante em comparação à dos Estados Unidos, a China vem despontando rapidamente como um ator militar numa região onde antes estava ausente. As forças militares chinesas desenvolveram com cuidado uma estratégia diplomática de defesa multidimensional e sofisticada, com a finalidade de criar um ambiente político para iniciativas mais ambiciosas no médio e longo prazo. Conforme argumentado anteriormente, as grandes vendas de armas tendem a ocorrer no contexto de um relacionamento político e econômico mais amplo e não de forma isolada. Servem como uma oportunidade tanto para a geração de lucro quanto para a consolidação de alianças políticas e diplomáticas.

...a venda de armas a “preços camaradas” permitiu à China penetrar um novo mercado e gerar boa vontade entre as forças militares latino-americanas.

As Vendas de Armas

O desabrochar da China transformou-a num ator econômico importante na América Latina. Em 2006, seu comércio com a região chegou a US\$ 50 bilhões e seu recém-conquistado poder econômico nas Américas conseqüentemente aumentou o seu poder político. A China conduz suas relações de defesa com a América Latina num ambiente político e econômico que pode preparar terreno para grandes vendas de armas. Embora seja difícil obter informações referentes às vendas de armas chinesas a países com regimes considerados hostis pelo Ocidente, as informações de fontes abertas e de outros meios analíticos indicam que as vendas de armas chinesas à América Latina vêm aumentando lenta, mas continuamente.

Em 2005, a China firmou um contrato com a Venezuela para fornecer três radares do tipo *JVL-1*, um sistema de comando e controle completo, peças sobressalentes, adestramento, assistência técnica e arrendamento de um satélite de comunicações pelo preço de US\$ 150 milhões.¹³ Embora fosse um grande negócio de armas em comparação com as vendas anteriores da China à América Latina, a obtenção de lucros não era o objetivo principal de Pequim. De fato, mesmo para sistemas chineses de baixo custo, o negócio foi uma pechincha; a compra desse sistema e meios relacionados no Ocidente custaria pelo menos duas ou três vezes mais. Mesmo obtendo pouco ou nenhum lucro, a venda de armas a “preços camaradas” permitiu à China penetrar um novo mercado e gerar boa vontade entre as forças militares latino-americanas.

Essa estratégia parece pagar dividendos aos poucos. A Venezuela comprou 24 aeronaves da estatal chinesa Nanchang Aircraft Manufacturing Company e outras 10 da Harbin Aircraft Manufacturing Corporation. Segundo o jornal *Jane's Defence Weekly*, isso incluiu 24 aeronaves

ves de treinamento básico e de ataque ao solo *K-8* e dez aviões de transporte *Y-12*, do tipo bimotor turboélice, decolagem e pouso em pista curta e uso geral.¹⁴ As empresas chinesas venderam pontes, pontes flutuantes, escavadeiras e cozinhas de campanha às forças armadas venezuelanas, e o governo de Hugo Chávez demonstrou bastante interesse nos mísseis e equipamentos de guerra eletrônica chineses. Entretanto, Pequim parece relutar em transferir certos sistemas ao imprevisível Chávez, devido às possíveis consequências negativas para as relações sino-americanas.

As empresas aeronáuticas militares chinesas já fizeram progressos consideráveis no Peru, Bolívia e Uruguai. Em outubro de 2007, a força aérea boliviana recebeu duas aeronaves *M60* fabricadas na China, depois de obter uma linha de crédito de US\$ 35 milhões de Pequim.¹⁵ Ao oferecer condições de pagamento generosas, as indústrias de defesa da China esperam acostumar, gradualmente, as forças militares locais aos seus produtos e formar uma clientela latino-americana fiel. Essa estratégia parece funcionar na Bolívia. A força aérea boliviana cogita substituir as suas antigas aeronaves *A-7* por caças *J-7*, o equivalente chinês do *MiG-21* russo.

A Bolívia, que enfrenta problemas financeiros, viu os seus vizinhos adquirirem caças modernos do Ocidente. O Chile possui o *F-16*; a Argentina, o *Mirage 2000*; e o Peru tem caças russos avançados, como o *MiG-29* e o *Su-30*. É uma questão de certa urgência para o governo boliviano adquirir aviões de caça modernos a preços acessíveis. Alguns oficiais da força aérea boliviana alegam que ela está 30 anos atrás das de seus vizinhos com respeito a equipamentos modernos.¹⁶ As linhas de crédito chinesas e as condições de pagamento flexíveis tornaram a compra do *J-7* uma proposta atraente.

A Força Aérea Uruguia talvez substitua sua frota de antigas aeronaves *A-7* por *J-7* também, adquirindo-as por meio de empréstimos ou pelo perdão da dívida externa do Uruguai pela China.¹⁷ O Equador comprou artilharia antiaérea, metralhadoras pesadas e pontes militares da China, e a Guiana comprou uma única aeronave *Y-12* para sua pequena força aérea e barcos de patrulha para reforçar os seus modestos meios navais.

Para “ajudar o país a defender a si mesmo”, a Colômbia talvez compre viaturas blindadas de transporte de pessoal, artilharia, lança-rojões, morteiros de 81 milímetros, fuzis de assalto, equipamentos de logística e armas portáteis e submetralhadoras para as forças policiais e paramilitares colombianas.¹⁸

A Argentina talvez compre helicópteros, aviões de transporte, radares, artilharia pesada e mísseis anticarro. Em agosto de 2007, fontes das forças de defesa latino-americanas divulgaram que a Argentina estava testando o *Z-11*, a versão chinesa do *Ecureuil AS 350 B2*, fabricado pela Eurocopter. A Argentina pretende gastar US\$ 80 milhões para adquirir os *Z-11* para a Aviação do Exército. Contudo, um representante da Eurocopter contestou a legalidade da venda, declarando à imprensa argentina: “[A China] não possui licença para produzir esse helicóptero. O seu helicóptero é uma cópia malfeita do nosso *Ecureuil*; compraram um modelo de segunda mão e o copiaram.”¹⁹ O comandante do Exército Argentino replicou: “A incorporação dessa máquina moderna à nossa força aumentará consideravelmente a capacidade operacional da Aviação do Exército.”²⁰

Um importante acordo de cooperação militar de 2007 talvez leve a Argentina a comprar alguns sistemas chineses, produzindo-os sob licença. Além do *Z-11*, a RPC também transferirá tecnologia de radar móvel, tecnologia de mísseis anticarro e sistemas de defesa aérea à Argentina.²¹ Outros acordos de produção sob licença incluem equipamentos não letais, como caminhões de transporte, jipes e veículos de engenharia. Além de preços acessíveis e condições de pagamento generosas, a disposição da China de transferir tecnologia sigilosa às indústrias militares locais torna os seus produtos uma opção irresistível. O governo argentino descreveu o acordo com Pequim como “essencial e estratégico para o futuro da Argentina”.²²

É provável que as transferências de tecnologia se tornem um fator importante nas decisões sobre futuras aquisições pela Argentina, Chile e Brasil, países tecnologicamente avançados, que vêm desenvolvendo as indústrias de defesa há 20 anos. O Chile demonstrou interesse em comunicações avançadas e aviação de transporte e comprou mísseis anticarro *Red Arrow* e

helicópteros de finalidades múltiplas Z9. Contudo, a China enfrenta forte concorrência de empresas ocidentais e russas que suprem a força aérea chilena há décadas e mantêm fortes laços com as autoridades locais.²³ A aquisição dos Z9, sem dúvida, gerará polêmica, porque a aeronave é uma cópia autorizada do *AS 365N Dauphin II* da Eurocopter francesa.²⁴

Durante o governo do Presidente Augusto Fujimori nos anos noventa, o Peru adquiriu armas chinesas por meio de decretos presidenciais secretos fora do controle do parlamento peruano. O Peru comprou armas por meio de empresas privadas chinesas e de indivíduos que atuaram como intermediários, para evitar qualquer envolvimento incriminador do governo. Um inquérito do senado peruano constatou que seis empresas chinesas venderam o equivalente a cerca de US\$ 148 milhões em equipamentos militares para o regime de Fujimori entre 1990 e 2000.²⁵ As vendas incluíram seis aeronaves de transporte Y-12, artilharia, equipamentos de transporte, munição e peças sobressalentes.²⁶

A queda do regime de Fujimori em 2003 diminuiu as vendas militares chinesas, mas a China continuou a fornecer peças sobressalentes ao Peru e a prestar serviços de reparo e manutenção de equipamentos fabricados na China. A China continua a ser um importante fornecedor de artigos não letais como uniformes e equipamentos de logística, e as empresas ligadas ao ELP atuam em diversos setores da economia peruana. Contudo, no presente momento, é ainda improvável que as vendas de armas chinesas ao país passem por outro período de prosperidade ao estilo dos anos noventa.

Em junho de 2001, o jornal *Washington Times* noticiou a entrada de três navios chineses que transportavam armas e explosivos no porto de Mariel, em Cuba. A China possui relações militares estreitas com Cuba e uma base militar em Bejucal, perto de Havana. Antes que o governo russo empobrecido a abandonasse com relutância em 2000, a base era sua principal instalação de escuta eletrônica nos trópicos. A RPC assumiu o controle da instalação um ano



Foto da AP. Eraldo Peres

O principal legislador da China Wu Bangguo, à esquerda, e Ernesto Heinzelmann, representante do Conselho Empresarial Brasil-China, participam de uma reunião do Conselho Empresarial Brasil-China no Palácio Itamaraty em Brasília, Brasil, 31 de agosto de 2006.

depois e a opera com o maior sigilo. A base pode interceptar telefonemas e transmissões de fax civis originados e destinados aos Estados Unidos.²⁷ Moscou também já não concede privilégio especial algum a Cuba para a aquisição de armas.

Apesar de sua retórica antiamericana, Havana está bem ciente dos riscos de provocar Washington quando Cuba já não conta com a proteção de uma superpotência.

As armas e equipamento chineses utilizam a tecnologia russa, fazendo com que sejam fáceis de integrar ao estoque cubano, sem a necessidade de treinamentos de reciclagem para a sua utilização. Além disso, as empresas chinesas são uma fonte ideal de peças sobressalentes, manutenção e atualização.

Uma vantagem final da alternativa chinesa é o preço baixo. A maioria dos sistemas de armas chineses é pelo menos duas vezes mais barato que os da concorrência. Uma *SU-30* russa custa tanto quanto uma *F-16* americana e, assim, as aeronaves e a assistência técnica chinesas são alternativas atraentes. Além dos sistemas de baixo custo, a China oferece condições de pagamento flexíveis e generosas. Por exemplo, nos anos oitenta e noventa, a RPC vendeu às Forças Armadas da Tailândia centenas de viaturas blindadas de transporte de pessoal, viaturas blindadas de combate, artilharia e embarcações navais por 10% do preço normal, concedendo-lhe um prazo de 10 anos de “boa vontade” antes de exigir o início do pagamento. Pequim está adotando uma estratégia semelhante na América Latina, embora mais limitada por enquanto.

O caso especial: Cuba. Cuba conta cada vez mais com a assistência chinesa para suas forças militares, devido às condições generosas. A China ajudou Cuba a atualizar seu sistema de defesa aérea, fornecendo equipamentos de comunicação mais avançados, aprimorando o seu centro de integração e controle central e auxiliando com manutenção e peças sobressalentes.²⁸ A China também ajuda a força aérea cubana a manter a

sua frota da era soviética e a atualizar algumas de suas aeronaves *MIG-21*. A Northern Industries forneceu às forças militares cubanas viaturas blindadas de transporte de pessoal, viaturas de transporte e equipamentos de logística. Contudo, é improvável que Cuba efetue uma grande compra de armas da RPC ou que a China esteja disposta a fornecê-las. Assim, sistemas avançados, que poderiam aumentar de forma significativa a capacidade cubana de projeção de poder — como mísseis, jatos de caça da série J, sistemas de radar e comando mais capazes e meios navais equipados com mísseis de cruzeiro —, provavelmente não virão da China.

Cuba dificilmente adquirirá esses sistemas por três motivos. Primeiro, sua doutrina não prevê qualquer capacidade de projeção de poder. Fazê-lo seria inútil devido à proximidade e tremendo poder dos Estados Unidos. Apesar de sua retórica antiamericana, Havana está bem ciente dos riscos de provocar Washington quando Cuba já não conta com a proteção de uma superpotência. Segundo, a economia irregular e estagnada de Cuba não pode arcar com os custos desses sistemas, mesmo a preços chineses. Terceiro, vários oficiais cubanos e outros de toda a América Latina relatam que as forças militares de Cuba não estão satisfeitas com a qualidade das armas chinesas. (Um coronel tailandês que serviu por mais de uma década como oficial de blindados operando carros de combate chineses e americanos disse: “Os equipamentos chineses são razoavelmente bons nos primeiros dois ou três anos. Depois disso, enferrujam. Prefiro usar um *M-11* americano de 15 anos que uma viatura blindada de transporte de pessoal chinesa de quatro.”)²⁹

Por sua vez, a China acredita que o fornecimento de sistemas de armas avançados a Cuba põe em risco as suas relações com os Estados Unidos. Desafiar os EUA a partir de um país vizinho, que suscita fortes emoções em Washington, pode custar mais à China que os eventuais benefícios obtidos. Portanto, Pequim é cautelosa no trato com Havana. O professor Guo Shuyong, perito em relações internacionais da Universidade Jiao Tong em Xangai, afirma: “Lembramos da Doutrina Monroe e respeitamos a influência dos EUA na América Latina. A China não é como a União Soviética há 50 anos. Não haverá uma crise de mísseis em Cuba.”³⁰

Durante uma viagem à América Latina em 2004, o Presidente Hu Jintao da China passou um breve período em Cuba, abstendo-se de fazer qualquer comentário que desse a impressão de que a RPC pretendia forjar uma aliança com Fidel Castro. Desde então, o comércio e os investimentos da China são relativamente insignificantes em comparação com a sua presença em outros países sul-americanos, como o Brasil e a Argentina.

O foco brasileiro. O Brasil é possivelmente a relação mais importante da China na América Latina. O comércio bilateral entre as duas nações chegou à quantia supreeendente de US\$ 20 bilhões no início de 2007. A China e o Brasil vêm intensificando seus laços militares e de defesa e lançaram satélites desenvolvidos em conjunto, com a RPC financiando 70% dos custos. Por meio da cooperação com a RPC, o Brasil talvez adquira a tecnologia de foguetes em troca de sua avançada tecnologia óptica digital.³¹ As tecnologias de foguetes da China capacitam o programa espacial do Brasil a ser autossuficiente e avançar seu programa secreto de mísseis.

De fato, os relatórios emitidos por fontes de inteligência dos EUA alegam que a China e o Brasil cooperaram na área de tecnologia militar confidencial para mísseis balísticos e comunicação avançada. Não devemos descartar essa possibilidade, dado o estado avançado dos complexos militar-industriais de ambas as nações e a relutância do Ocidente em fornecer tecnologias confidenciais a potências emergentes.³² Devido ao caráter de uso duplo das tecnologias em questão, a cooperação sino-brasileira em áreas como comunicação civil e aviação confere credibilidade a tal cenário. A principal empresa brasileira de fabricação de armas e aviação e a China Aviation Industry Corporation II desenvolveram, em conjunto, um avião turbojato de transporte de 30 a 50 assentos com alcance de vôo de 3.000 km e teto de 11.000 metros. Venderam 20 aeronaves a companhias aéreas da China, que talvez compre mais 90.³³

Outra área de crescente cooperação entre as duas forças de defesa consiste na educação e adestramento de oficiais de patente média e superior. Há coronéis brasileiros que se

formaram pela renomada Universidade de Defesa Nacional do ELP. A maioria dos oficiais brasileiros faz o curso principal da instituição, um curso sobre estratégia e defesa com duração de um ano para oficiais superiores, e cursos sobre áreas específicas, como o curso de um mês para generais caribenhos e latino-americanos e seus equivalentes civis.

Os oficiais subalternos brasileiros frequentam escolas especializadas do ELP nas áreas de logística, artilharia, forças especiais, inteligência e comando e estado-maior, bem como cursos da língua chinesa em escolas do ELP e algumas universidades civis. Contudo, poucos oficiais chineses viajam ao Brasil para a educação militar, porque poucos deles falam o português bem o suficiente para entender os cursos de estado-maior e de nível estratégico. Além disso, o ELP talvez esteja relutante em expor seus oficiais a um ambiente estrangeiro durante um longo período, particularmente os oficiais novatos, vulneráveis a influências culturais.

Também ocorrem visitas frequentes de alto nível por oficiais militares e de defesa. Os oficiais militares superiores e de defesa do Brasil visitaram a RPC em várias áreas de interesse e o Brasil expandiu o gabinete dos adidos militares em Pequim para lidar com o aumento da cooperação em defesa.

Conclusão

O exame das relações militares e de defesa da China com a América Latina do ponto de vista da venda de armas apenas esconde o verdadeiro grau de influência da China nas Américas. Contudo, quando se consideram a educação militar e de defesa, visitas e intercâmbios de pessoal e equipamentos e doações e vendas a “preços camaradas”, fica evidente que as relações de defesa da China com as Américas vêm aumentando. Embora sejam pequenas em comparação às dos principais fornecedores de armas para a América Latina como os EUA, Alemanha, Rússia, França, Espanha e Brasil, deve-se considerar a rapidez com que essas vendas vêm crescendo. O poder político e econômico cada vez maior e a diplomacia de defesa sofisticada da China lhe permitiram estabelecer a base necessária para influência

futura. A forte presença econômica e política da China na América Latina criou o ambiente necessário para o desenvolvimento de laços militares e de defesa. Portanto, é provável que a influência militar e as vendas de armas da China na América Latina aumentem. Entretanto, a RPC enfrenta desafios consideráveis. Os EUA possuem uma relação de defesa mais antiga e profunda com a América Latina e continuam a ser seu principal fornecedor de armas. A China também enfrenta a concorrência de outras nações

ocidentais e potências regionais, como o Brasil. As armas chinesas têm a reputação de baixa qualidade e as forças armadas latino-americanas utilizam equipamentos ocidentais há décadas. Não obstante, a China avança na América Latina. Já ganhou bastante terreno num período relativamente curto e suas relações de defesa com a América Latina são multidimensionais e sofisticadas, refletindo o crescente nível de refinamento e profissionalismo do ELP e a burocracia estatal chinesa. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Consulte a Declaração de Charles S. Shapiro, principal assistente do Secretário de Estado para Assuntos do Hemisfério Ocidental, perante o Subcomitê do Senado sobre Assuntos do Hemisfério Ocidental, Peace Corps e Narcóticos, disponível em: <http://usinfo.state.gov/eap/Archive/2005/Sep/22-56242.html>; DAMBAUGH, Kerry e SULLIVAN, Mark P., "China's Growing Interest in Latin America," Congressional Research Service (CRS) Report for Congress, 20 de abril de 2005; KENNY, Alejandro, "A presença da China na América Latina: Uma Visão sobre a Segurança do Cone Sul," a edição brasileira da *Military Review* (Julho-Agosto de 2006).
2. O autor visitou a Escola de Comando e Estado-Maior da Marinha do Exército de Libertação Popular (ELP) em outubro de 2006 e a Universidade Técnica da Marinha em maio de 2007.
3. HORTA, Loro. *Defense and Military Education: A Dimension of Chinese Power*, 29 de setembro de 2006.
4. Comentário feito por um coronel da força aérea uruguaia durante uma das viagens.
5. "Chinese warships arrive in Spain to conduct joint military exercise," *People's Daily*, 14 de setembro de 2007; "Chinese warships arrive in Spain to conduct joint military exercise," *People's Daily*, 17 de setembro de 2007.
6. *China's National Defense 2006*, Defense White Paper, Information Office of the State Council of the People's Republic of China, 29 de dezembro de 2006. Consulte também os arquivos on-line do periódico *People's Daily*, disponível em: <http://english.people.com.cn/90833/90836/review>.
7. O autor conheceu alguns oficiais do ELP que serviram em países latino-americanos em várias áreas.
8. Agencia de Noticias del Ejercito de Bolivia (Agência de Notícias do Exército da Bolívia), 10 de setembro de 2007.
9. Um oficial superior naval da Bolívia, entrevista pelo autor, Pequim, abril de 2006.
10. GERTZ, Bill. "China proposes missile replacement for Bolivia," *The Washington Times*, 27 de fevereiro de 2006.
11. Tenente-Coronel Jawahar Persaud, Força de Defesa da Guiana, entrevista pelo autor, dezembro de 2007.
12. "China to Build 18 Oil Ships for Venezuela," *Xinhua News Agency*, 4 de setembro de 2006.
13. "Venezuela cuenta con primer radar," Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Información (Ministério do Poder Popular para a Comunicação e a Informação), 7 de julho de 2007.
14. "Venezuela evaluates Chinese air package," *Jane's Defence Weekly*, 10 de outubro de 2001.
15. "Bolivia comprará dos aviones de tecnología avanzada con crédito de China," *Los Tiempos*, La Paz, Bolívia, 8 de agosto de 2007.
16. O assunto é discutido abertamente em várias salas de bate-papo relacionadas às forças militares em toda a América Latina. A *Mundo Historia*, baseada no Peru, enfoca assuntos de história militar e de defesa e está disponível em: <http://historia.mforos.com>. Durante uma conversa com o autor, o Tenente-Coronel Omar Zivera da Força Aérea Boliviana também confirmou o interesse de seu país no caça chinês.
17. Entrevista do Coronel Álvaro Moreno da Força Aérea Uruguaia, Pequim, maio de 2007.
18. "Urbe anuncia que comprará armas de China," *El Universal*, edição on-line, Caracas, Venezuela, 23 de maio de 2007.
19. "Alerta francesa por helicópteros chinos que comprará el Ejército," *El País*, agosto de 2007.
20. "El Ejército probó y está cerca de comprar un lote de helicópteros chinos," *El País*, 12 de julho de 2007.
21. "Argentina evalúa plantas para producir equipos militares chinos," *La Nación*, 22 de agosto de 2007. Consulte também "Argentina y China firmaron acuerdo de cooperación militar," Ministério de Defesa da Argentina, comunicado à imprensa, 16 de maio de 2007, disponível em: www.mindf.gov.ar/info.asp?id=1155&bus=3.
22. "Negocia la Argentina comprar helicópteros militares a China," *La Nación*, 17 de maio de 2007; "Firmaron un acuerdo militar con China," *El País*, 17 de maio de 2007; "Argentina estudia producir equipos militares chinos, dice ministra Defensa," *Los Tiempos*, 22 de agosto de 2007.
23. "Fuerza Aérea de Chile evalúa compra de nuevos helicópteros," *La Nación*, 9 de março de 2007.
24. "Z-9 Utility Helicopter," Sinodefence.com, disponível em: www.sinodefence.com/airforce/helicopter/z9.asp.
25. Comisión Investigadora de la Deuda Pública Externa 1990-2000, INFORME Nro 00-2-2001-CIDPE, Lima, Peru, 5 de dezembro de 2001.
26. *SIPRI Yearbook*, Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), 1988 a 1995.
27. SANTOLI, Albert. "China's Strategic Reach into Latin America," testimony before the U.S.-China Economic and Security Review Commission, Washington, D.C., 21-22 de julho de 2005, disponível em: www.uscc.gov/hearings/2005hearings/written_testimonies/05_07_21_22wrts/santoli_albert_wrts.htm. Consulte também RATLIFF, William, "Mirroring Taiwan: Cuba and China," *The China Brief*, Vol. 6 Edição 10, Maio de 2006.
28. Apesar de denúncias persistentes, Pequim e Havana negaram veementemente a existência de qualquer transação de armas entre os dois países. Contudo, oficiais militares superiores da América Latina e dos Estados Unidos entrevistados pelo autor sugeriram que havia uma grande possibilidade de que uma quantidade significativa de equipamentos letais e não letais teria sido, de fato, vendida para Cuba. Entre os oficiais entrevistados estava um oficial civil superior americano encarregado da seção chinesa da Agência Nacional de Defesa. O autor entrevistou o oficial americano no final de 2004, durante um curso de três meses, do qual ele participou numa escola do Departamento de Defesa dos EUA no Havaí.
29. O autor visitou a Tailândia seis vezes desde 2005 e entrevistou vários oficiais do Exército Tailandês. Em virtude da proximidade das relações sino-tailandesas, seria impróprio identificá-los. O oficial de blindados tailandês citado é amigo íntimo do autor e colega de um curso de defesa nos EUA.
30. Citado em MAGNIER, Mark. "U.S. watching China's Latin American moves," *Times*, 15 de abril de 2006.
31. JOHNSON, S. "Balancing China's influence in Latin America," Background #1888, The Heritage Foundation, 24 de outubro de 2005, disponível em: www.heritage.org/Research/LatinAmerica/bg1888.cfm; "Brazil: Launch Capabilities," The James Martin Center for Nonproliferation Studies (CNS), disponível em: www.heritage.org/Research/LatinAmerica/bg1888.cfm, disponível em: <http://cns.mis.edu/research/space/brazil/launch.htm>; SAUCEN, T., "The China-Brazil Earth Resources Satellites (CBERS)," International Society for Photogrammetry Research and Remote Sensing, Junho de 2001.
32. CIRINCIONE, Joseph. *Deadly Arsenal: Tracking Weapons of Mass Destruction* (Washington, D.C.: Carnegie Endowment for International Peace, 2002), pp. 352-55.
33. "China-Brazil Joint Venture to Produce New Turbo-Fan Regional Airliner," *People's Daily*, 3 de novembro de 2002.
34. *China's National Defense 2006*, Defense White Paper, Information Office of the State Council of the People's Republic of China, 29 de dezembro de 2006. Para conferir a cobertura da imprensa sobre as visitas, consulte também os arquivos on-line da *People's Daily*, disponível em: <http://english.people.com.cn/90833/90836/review>.